

NADAL, Estela Fernández. **En torno a la alteridad reflexiones críticas sobre *El segundo sexo***. In: Ciriza, Alejandra (Org.). En memoria de Simone de Beauvoir. Herencias, Debates. Lecturas inesperadas. Buenos Aires: Leviatán, 2011. 49-75.

Thiago Teixeira\*

Adriana Boria, responsável pelo *Prólogo* da obra em que está presente o texto que nos servirá de objeto de estudo diz:

¿Qué significa conmemorar? Pero más específicamente qué significa conmemorar el aniversario del nacimiento de Simone de Beauvoir en una Universidad latinoamericana?

Primeramente hay que preguntarse el alcance del término conmemoración: no es sólo traer a la memoria o recordar, sino que el término implica también un acto, un acto celebratorio, o sea una celebración. Igualmente este libro, como acto de escritura, me indica una celebración. Me indica, pues una instancia festiva. Puedo tomarlo como una fiesta del lenguaje. Tal vez esta idea me permita tentar una respuesta, y celebrar... (BORIA, 2011.p.9)

É dentro desta perspectiva que devemos ler o texto *En torno a la alteridad reflexiones críticas sobre El segundo Sexo*, de Estela Fernández Nadal presente na obra *En memoria de Simone de Beauvoir* organizada por Alejandra Ciriza e publicada em Buenos Aires pela editora Leviatán em 2011. Trata-se de um ensaio apresentado num Simpósio ocorrido em outubro de 2008 como comemoração ao centenário de nascimento de Simone de Beauvoir. Texto curto (26 p), entretanto, de grande riqueza e densidade por proporcionar um diálogo, se assim podemos dizer, entre o pensamento de Beauvoir, intelectual de destaque do século XX, e dois outros filósofos de grande envergadura: G.W.F. Hegel e Jean-Paul Sartre. A reflexão que parte da relação entre estes pensadores tem como foco a alteridade, isto é, como as filosofias de Hegel, em sua obra *Fenomenologia do Espírito*, e de Sartre em *O Ser e O Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*, contribuíram para

---

\*Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). E-mail: [thiago\\_philosopho@yahoo.com.br](mailto:thiago_philosopho@yahoo.com.br)

que Beauvoir, ao seu modo, tratasse a questão do reconhecimento do outro, ou do “Absolutamente Outro”. Certamente, quem não possuir conhecimento prévio das discussões sobre a alteridade de Hegel, Sartre e, sobretudo, Beauvoir terá certa dificuldade em compreender o texto em questão, pois este versa sobre, como demonstramos a pouco, apresentar como Beauvoir retoma algumas das querelas apontadas pelos mencionados filósofos, e acrescenta a elas sua própria interpretação.

A autora discute o suposto caráter oculto que assola o feminino e as discriminações sutis firmadas numa presumida natureza feminina que devasta de forma a-histórica a cultura e que são discutidos nas teorias e militância de Simone de Beauvoir. Neste sentido podemos inferir como tese central do texto: a tentativa de evidenciar como Beauvoir trouxe à tona a discussão sobre o feminino por meio “de uma pluralidade de pontos de vistas (histórico, sociológico, antropológico) e na forma de uma concepção filosófica” (NADAL, 2011.p.50), pontos que possibilitaram entender a mulher como duplamente outro que necessita compreender-se nesta condição e buscar meios para dela poder sair e se encontrar. Uma possível solução deste problema está na moral existencialista, cunhada por Sartre. Dali, Beauvoir retira elementos para que o feminino se assuma autêntico, se assim podemos colocar, e renuncie ao olhar reificado do masculino; problema este que perdura ao longo dos tempos.

Para não fugirmos à sequência do texto é preciso que analisemos como Nadal traz Hegel ao campo de discussão e o relaciona ao pensamento de Beauvoir. Para a autora, o ponto de partida desta aproximação está na constatação de Beauvoir de que a categoria do outro é tão original quanto a consciência do mesmo. Isto significa que, uma consciência, individual ou coletiva, precisa ter, como pano de fundo da alteridade, outra consciência que lhe seja adversa. Noutros termos: ela precisa forçar o reconhecimento. Estela Fernández Nadal retoma Beauvoir e esclarece que Hegel, ao tratar da dialética do Senhor e do Escravo, aponta como nesta relação ocorre o reconhecimento, pois o Mesmo e o Outro estão no mesmo campo de condição e de gênero, não sendo evidenciada ali nenhuma distinção sexual. Para Simone de Beauvoir, a superioridade do senhor em relação ao escravo é provisória e isso porque ambos são sujeitos que se reconhecem em momentos distintos, firmando o processo dialético. Doutro modo, este reconhecer não ocorre com a mulher que ao longo da história é subjugada, não apenas como Outro, mas é vista como

Absolutamente Outro. Nadal esclarece que não há reciprocidade entre masculino e feminino e isso se dá por diversos fatores: na diferença biológica, na consciência individual quando a mulher não se afirma como sujeito ou na alteridade radical, onde estão os valores radicais do humano. É preciso lembrar que a comemoração, à qual se integra o texto de Nadal, ocorre numa perspectiva latino-americana. Justamente por isso, a situação da mulher e o seu não reconhecimento são colocados pela autora de modo análogo à condição das sociedades que estão sob o jugo colonialista europeu.

Para superar todos os problemas decorrentes desta colocação da mulher como absolutamente Outro (nos entornos da alteridade), segundo Nadal, Beauvoir propõe relativizar o privilégio extra-histórico atribuído a esta alteridade. É preciso, de acordo com a autora, mostrar a contingência que permeia a alteridade baseada em dados naturais e biológicos. As mulheres devem trilhar um caminho de retorno. Este, por sua vez, levará ao reconhecimento que lhes possibilitará a auto-percepção como sujeitos capazes de enxergar a si mesmas e aos seus valores, ou seja, não os receber prontos e gratuitamente de outrem. Nadal demonstra de modo claro que este se tornar sujeito- no caso das mulheres- é o desafio que permeia a obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir.

Em face destas questões centrais, Nadal acrescenta sua visão às análises de Simone de Beauvoir, no que diz respeito à Dialética do Senhor e do Escravo. Para tanto demonstra como o Idealismo alemão, difuso na filosofia ocidental, reforça algumas das posições acima descritas. Nos moldes de uma análise crítica latinoamericana, Hegel, tem sido, sob a visão de Fernández Nadal, objeto de uma profunda crítica de desconstrução ideológica, por apresentar alguns discursos não muito cordiais às mulheres e por representar, antes de tudo, a modernidade ocidental e suas atribuições burguesas, em que é reforçada a superioridade central da Europa. A autora aponta que a mulher estaria analogamente no mesmo patamar das sociedades que estão sob o jugo do humanismo colonialista europeu. Há de se compreender como ocorre a emancipação, não só das mulheres, mas de todos que são sobrepostos por uma racionalidade imperialista europeia que, segundo Nadal, foi reforçada, de algum modo, por certas pressupostos hegelianos.

A resposta acenada por Simone de Beauvoir, e analisada por Nadal, está na moral existencialista firmada sobre os postulados desenvolvidos por Jean-Paul Sartre na primeira etapa de seu pensamento disposto na obra *O Ser e o Nada*. Nesta obra, Sartre formula sua

teoria acerca da intersubjetividade. O autor também recupera a figura hegeliana do Senhor e do Escravo, sendo esta a base para a sua “dialética do olhar”. No cerne desta concepção dialética sartriana está o conflito das consciências, isto é, uma objetivação mútua que se dá no encontro com o outro. Acrescentamos que nesse confronto de consciências há também o conflito de liberdades e deste, emerge vitorioso aquele que assume uma postura moral e autêntica de sua existência e renuncia à reificação do olhar alheio.

Sendo assim, percebemos orientados pelo texto de Fernández Nadal, que Beauvoir se vale do existencialismo jovem de Sartre para também tratar da subordinação das mulheres em relação aos homens. Na mesma esteira, procura ali mesmo argumentações consistentes que permitam a superação de tal subordinação. Esta superação está, em primeiro plano, exposta na defesa de Sartre e Simone de Beauvoir dos sujeitos colonizados, subjogados e oprimidos, todos eles, pelos rastros do eurocentrismo. Enfim, Nadal aponta com maestria como Beauvoir e Sartre, dotados de grande sensibilidade, se ativeram a estes problemas políticos e encontraram na militância e na afirmação do sujeito como tal, a saída moral e política de tais conflitos, seja no plano da mulher que deve se constituir, como no plano das nações subjogadas pelo imperialismo europeu.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BORIA, Adriana. *Prólogo*. In: Ciriza, Alejandra (Org.). **En memoria de Simone de Beauvoir. Herencias, Debates. Lecturas inesperadas**. Buenos Aires: Leviatán, 2011.